

# PRESERVAÇÃO E MUDANÇA NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: DE *POSSESSIVO* A *EXISTENCIAL*

Dinah Callou  
(UFRJ/CNPq)

Juanito Avelar  
(UNICAMP/FAPESP)

## RESUMO

No português brasileiro (PB), o verbo *haver* 'existir' pode ser substituído pelo verbo *ter* 'possuir', em construções existenciais e um aspecto intrigante dessa variação reside no fato de o verbo *ter* perder as restrições de definitude nos complementos e de *haver* acionar essa restrição. A hipótese é a de que esse contraste seja resultante do fato de *ter*, embora tenha sido reanalisado como existencial, mantenha ainda as propriedades de seleção de sentenças possessivas. Os dados analisados (1528 construções existenciais do português falado contemporâneo e 200 construções com *haver/ter*-sentenças possessivas no português medieval (PM), do século XIII ao XVI) revelam um aspecto crucial das mudanças relevantes que tiveram lugar na história da língua portuguesa: a versão existencial de *ter* e *haver* herda os aspectos sintático-semânticos de sua versão possessiva, o que demonstra que um item pode emergir em um novo contexto sem mudar suas propriedades essenciais de seleção.

**PALAVRAS-CHAVE:** variação, mudança, preservação, *ter/haver*-existencial/possessivo.

## Introdução

Neste artigo, focalizam-se mudanças que envolvem os verbos *ter* e *haver* em dois momentos da história do português. O primeiro momento remonta ao português medieval, período em que *haver* perdeu o significado de posse e tornou-se um verbo existencial; o segundo momento refere-se a estágio recente do português brasileiro, no qual o verbo *ter* possessivo se torna um verbo existencial, ainda que mantenha também seu valor de posse. Apresentam-se alguns fatos que comprovam a preservação de propriedades sintáticas e semânticas de sentenças possessivas quando esses verbos entram em contextos existenciais, revelando uma situação em que mudança e preservação podem ser observadas simultaneamente. Para sustentar essa hipótese, foram analisadas 200 cláusulas possessivas com *ter* e *haver* no português medieval (do século XIII ao XVI), extraídas do *Corpus* Informatizado do Português Medieval (*Tycho*). Para o português brasileiro contemporâneo, levam-se em conta dados intuitivos, assim como uma amostra de 1.528 construções existenciais na fala do PB, já referida em trabalhos anteriores de Callou & Avelar (2002, 2003, 2006).

### A emergência de TER como um verbo existencial no português brasileiro

Observem-se, de início, algumas sentenças do português contemporâneo. Em (1a), por exemplo, a sentença ‘Tem várias calças dentro do armário’, pode ser interpretada como uma construção possessiva no português europeu (PE), sendo equivalente a *Ele/Ela tem diversas calças dentro do armário*. Por outro lado, o falante do português brasileiro a interpreta como existencial: *Há várias calças dentro do armário*. Para receber a interpretação possessiva, no português brasileiro, é necessário projetar um sujeito possuidor, como em (2): ‘Ele/Ela tem várias calças dentro do armário’. No português europeu, *ter* não pode ser usado em construções existenciais, apenas *haver*, como no exemplo (3): ‘Há várias calças dentro do armário’.

- (1) a. *Tem várias calças dentro do armário.*  
 PE: ‘*Ele/Ela tem diversas calças dentro do armário*’  
 PB: ‘*Há várias calças dentro do armário*’  
 b. *Tinha um documento na carteira.*

- PE: 'Ele/Ela tem um documento dentro da carteira'  
 PB: 'Há um documento dentro da carteira'  
 c. *Tem dois computadores no escritório.*  
 PE: 'Ele/Ela tem dois computadores no escritório'  
 PB: 'Há dois computadores no escritório'
- (2) *Ele tem várias calças dentro do armário.*  
 PE/PB: 'Ele/Ela tem diversas calças dentro do armário'
- (3) *Há várias calças dentro do armário.*  
 PB/PE: 'Há diversas calças dentro do armário'

Todas as pesquisas que tratam da variação de *ter* e *haver* no português brasileiro (Cardoso 1986, Callou & Avelar 2000, 2003, 2006, Silva 2003, entre outros) chegam à conclusão de que *ter* é muito mais frequente na fala que *haver*. Como ilustrado em (1), apresentado em Callou & Avelar (2006), *haver* é o verbo preferencial na escrita formal, mas sua frequência é baixa na língua falada, mesmo entre falantes com nível alto de escolarização.

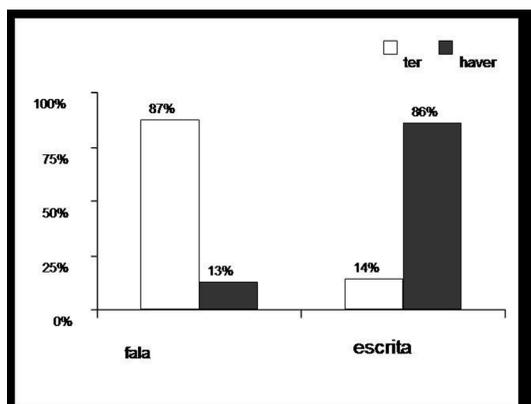


Figura 1 – Frequência de *ter* e *haver*, em construções existenciais, na fala e na escrita, no Português brasileiro

Em artigo anterior, Callou & Avelar 2000 sugerem que um forte candidato a acionar a reanálise de *ter* como verbo existencial é a redu-

ção das flexões no paradigma verbal no português brasileiro. Conforme foi apontado em vários estudos (Duarte 1995, Tarallo 1996, Figueiredo Silva 1996, Galves 1996, Kato 2005, entre outros), essa redução flexional teve uma drástica consequência no uso de sujeitos referenciais nulos: os contextos que licenciam o sujeito referencial nulo no português brasileiro se tornaram restritos. Observe-se, por exemplo, a sentença (5a), ‘Comprou um carro’. No português europeu, essa sentença pode equivaler a ‘Ela comprou um carro’. Entretanto, é necessário preencher o sujeito ‘Ela comprou um carro’ para que se torne uma construção aceitável no português brasileiro, como se pode verificar em (5b).

- (5) a. *Comprou um carro.* ( PE: ok / PB: \* )  
 b. *Ele/Ela comprou um carro.* ( PE: ok / PB: ok )

Voltando ao verbo possessivo, seria impossível para um falante do português brasileiro interpretar sentenças de *ter* com sujeitos nulos referenciais como um contexto possessivo. Por exemplo, em construções de *ter*, como em (6), a gramática do português europeu pode licenciar um sujeito nulo referencial de posse: (6a) ‘tem um livro’ = ‘Ela tem um livro’. Essa mesma construção não seria aceitável no português brasileiro, por ser praticamente impossível para um falante do português brasileiro admitir um sujeito nulo referencial possuidor, em tais contextos.

- (6) a. *Tem um livro.* (PE: ok / PB: \*) ‘Ele/Ela tem um livro’  
 b. *Tinha dinheiro.* (PE: ok / PB: \*) ‘Ele/Ela tinha dinheiro’

Nesse caso, a solução seria admitir uma interpretação existencial para as sentenças de sujeito nulo com o verbo possessivo. Há um paralelismo temporal que reforça este ponto de vista: o uso de *ter-existencial* começa a surgir em finais do século XIX e é exatamente nesse período que a perda do sujeito nulo é detectada em documentos escritos (Duarte 1995, Tarallo 1996). Como foi assinalado em análises prévias, não há um exemplo indiscutível de *ter-existencial* em documentos escritos no Brasil até o século XVIII, mas a frequência de *ter*, oposta à frequência de *haver* em contextos existenciais atinge 22% na segunda metade do século XIX, como se pode verificar na Figura (2). Um estudo de Duarte (1995) revela que, nesse mesmo período, a taxa de sujeitos nulos correspondentes à terceira pessoa começa a cair, indo de 83% em 1845 a 55% em 1992, como se vê na Figura 3). Nesse sentido,

a variação de *ter* e *haver* no português brasileiro pode refletir uma solução sintática, no domínio das construções possessivo-existenciais, para lidar com a perda do sujeito nulo referencial.

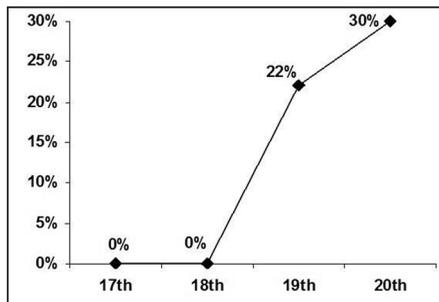


Figura 2: Frequência *deter-existencial* (em oposição à frequência *dehaver*) em documentos escritos no Brasil, do século XVII ao século XX (Avelar 2005, Callouët Avelar 2003, 2005)

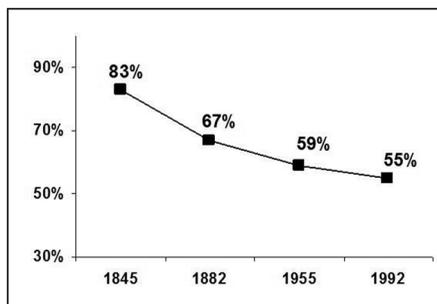


Figura 3: Frequência de sujeito nulo referencial correspondente à terceira pessoa em documentos escritos no Brasil de 1845 a 1992. (Duarte 1995: 20)

## TER e HAVER no português medieval

No que diz respeito ao verbo *haver*, as causas de sua reanálise como um item existencial, no português medieval, perdendo a interpretação possessiva, não são tão claras até o momento. Tanto *haver* quanto *ter* já ocorriam como um verbo de posse naquele período, como se pode ver nos exemplos (9) e (10).

### (9) Sentenças possessivas com *haver* no português medieval

a. ...*n*<sup>1/2</sup>*huun*<sup>1/2</sup>*bronõ pode auer saudesensa cabeça...* (século XIII - Afonso X, Foro Real - CIPM)

b. ...*costume he q(ue) n*<sup>1/2</sup>*huamolher q(ue) aj'a mááffama...* (Dos Costumes de Santarém - 1294. Fonte CIPM)

c. ...*outra moller que aia marido...* (Foros de Garvão, 1280(?). Fonte: CIPM)

### (10) Sentenças possessivas com *ter* no português medieval

a. *sse o caualeyro teuer o caualo quando morerssamolher...* (Dos Costumes de Santarém - 1294. Fonte: CIPM)

b. *queremos e demãdamos que todo crischão|s| tenha esta fé* (Afonso X, Foro Real 1280(?). Fonte: CIPM)

c. *sse o caualeyro teuer o caualo quando morerssamolher...* (Dos Costumes de Santarém - 1294. Fonte: CIPM) IGUAL A 10a

A Figura 4 mostra a frequência de *haver* e *ter* em contextos possessivos no período que vai do século XIII ao XVI. É possível observar que há uma estabilidade na distribuição de uso dos verbos, com taxas de, respectivamente, 72% e 28%. Este quadro sofre uma mudança abrupta no século XVI, época em a taxa de *ter* atinge 90% e ultrapassa a taxa de *haver*.

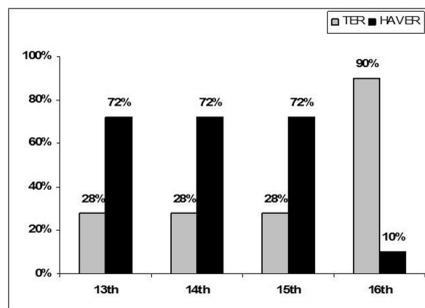


Figura 4 –Frequência de *haver* e *ter* em sentenças possessivas no português medieval

Do século XVI em diante, *haver* desaparece dos contextos de posse e passa a ser usado exclusivamente com o sentido existencial, ocorrendo em construções impessoais, como as exemplificadas em (12). É relevante assinalar que há registros de *haver* como verbo existencial desde o século XIII, compartilhando esse uso com o verbo de cópula *ser*, como em (13).

(12) **Sentenças existenciais com *haver* no português medieval**  
a. *se na terra ouuer malfeitores s* (Foros de Garvão – 1267. Fonte: CIPM)

b. *Enhua abadia huu tesoureiro avia* (Século XIII – apresentado em Mattos e Silva 1997: 262)

c. *...que non avia y mouros nem judeus* (Século XIII – Apresentado em Mattos e Silva 1997: 262)

(13) **Sentenças existenciais com *ser* no português medieval**

a. *Todo homem que no Reyno for... ((LO17)) no~ lj responde~.*

(Foros de Garvão – 1280. Fonte: CIPM)

b. *Todo crishãocrea firmemente qu'ê hiu soo e uerdadeyro Deus, padre e fillo e sprictusancto [...].*(século XIII – Nunes 1943: 8)

## Preservação de propriedades

Considerando todos esses fatos, pretende-se mostrar que há algumas propriedades que envolvem *ter* e *haver* nos domínios de posse e existência, tanto no português medieval quanto no português brasileiro, que revelam um aspecto significativo nas mudanças ocorridas: quando entram nos domínios existenciais – *haver* no português medieval e *ter* no português brasileiro – esses verbos preservam propriedades essenciais de suas versões como verbos possessivos.

## Efeitos de definitude

Fato relevante diz respeito ao chamado efeito de definitude. Como já foi amplamente apontado na literatura, construções existenciais estão sujeitas a restrições de definitude, que barram a ocorrência de DP definido como complemento de verbos existenciais. Construções com *ter* existencial, entretanto, não são tão rígidas no que concerne a essa propriedade: um aspecto intrigante que envolve a emergência de *ter* como um verbo existencial, no português brasileiro, é o de que esse

verbo enfraquece a restrição possessiva nos complementos (Viotti 2002, Avelar 2004) das sentenças existenciais, como exemplificado em (14). Em (14a), por exemplo, o complemento do verbo existencial é a frase nominal definida “o livro novo do Saramago”, o que viola a restrição esperada de definitude em ambientes existenciais.

- (14) a. Naquela loja tem o livro novo do Saramago.  
 b. Hoje tem o jogo do Brasil.  
 c. No Rio de Janeiro tem a praia de Copacabana.

Essas mesmas sentenças não parecem naturais em contextos com *haver*, que tende a rejeitar constituintes definidos como complemento. Em dados de língua falada, Callou & Avelar (2002) mostram que a maioria dos casos que favorecem o uso de *haver* se referem a contextos em que o complemento verbal é um *bare noun*, com interpretação genérica ou indefinida, que não se observa em contextos com *ter*.

- (15) a. *não há vantagem* ...90-164  
 b. *não há tempo* ... 90-164  
 c. *há possibilidade* .. 70-114  
 d. *não havia jeito* ... 70-088  
 e. *há mulheres que se comportam...* (70-233)  
 f. *foi uma fase que houve concursos públicos* ... (70-164)

Este contraste pode ser facilmente explicado se for considerado o fato de que, quando se tornam existenciais, *haver* no português medieval e *ter* no português brasileiro, algumas características de suas versões como verbos possessivos são preservadas, no que se refere aos efeitos de definitude. A Figura (16) apresenta a taxa de *bare nouns*, complementos definidos e complementos indefinidos com *ter* e *haver* em contextos possessivos, do século XIII ao XVI. Observe-se que a taxa de *bare nouns* com *haver* naquele período atinge 67%, contra 18% de complementos indefinidos e 15% de complementos definidos. Em outras palavras, sentenças com *haver* já exibiam uma restrição de definitude desde o português medieval, antes de se tornar um verbo exclusivamente existencial. Ao contrário, *ter* não evidenciava uma preferência clara por um tipo específico de complemento, no que tangue à marca de definitude.

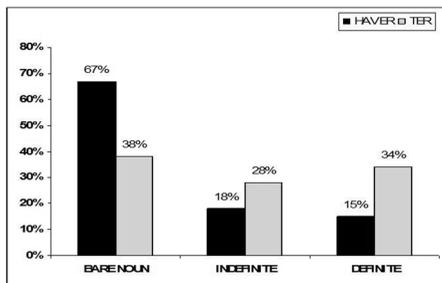


Figura 5 – Frequência de TER e HAVER, de acordo com o tipo de complemento, em sentenças possessivas do século XIII ao XVI.

Nesse sentido, o enfraquecimento da restrição de definitude, em construções existenciais com *ter*, no português brasileiro, pode se dever ao fato de que, quando se torna existencial, esse verbo traz suas propriedades de seleção de sua versão possessiva, na qual não há restrição no que se refere aos efeitos de definitude. Por outro lado, o *haver-existencial* no português contemporâneo preservou as mesmas propriedades concernentes às marcas de definitude de complementos observadas na versão possessiva do português medieval.

### Posição de sujeito

Existem outras evidências da preservação de propriedades sintático-semânticas nas mudanças relevantes que envolvem o uso de uma categoria de expletivo em contextos existenciais com *ter*. Esse, por assim dizer, expletivo é o pronome ‘você’, como se pode ver em (17). Como já foi apontado por Callou & Avelar 2002, a taxa de frequência de *você* em contextos existenciais atinge 19% entre os falantes jovens, como a Figura 6 ilustra. Observe-se que não é possível inserir o ‘você’ quando se usa o verbo *haver*. Em (17a), por exemplo, pode-se dizer ‘você tem prédios altíssimos em Nova York’, no sentido de *há prédios altos em Nova York*, mas não se pode dizer ‘você há prédios altíssimos em Nova York’.

- (17) a. Você tem / \*há prédios altíssimos em Nova York.  
 b. Você tem / \*há muitos museus na Europa.

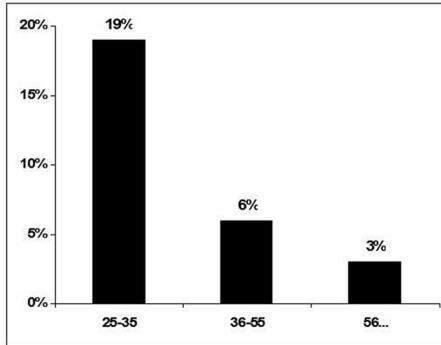


Figura 6 – Frequência de uma categoria de expletivo *você*, em sentenças existenciais do português brasileiro (década de 90)

Esse contraste pode ser explicado se considerarmos que essas construções com *ter* não perderam a possibilidade de preenchimento do sujeito mesmo com um verbo existencial e que, ao contrário, *haver*, um verbo impessoal, não possui uma posição para receber um sujeito. Em outras palavras, as propriedades estruturais do possessivo *ter*, no que se refere à aceitação de um argumento externo, se mantêm na versão existencial desse mesmo verbo.

Vale a pena apontar que, quando perdeu o *status* possessivo e se tornou existencial no português medieval, *haver* ocorria normalmente com o pronome locativo dêitico *hi* como um sujeito, como se pode verificar nas sentenças em (19) (Said Ali 1964, Mattos e Silva 1997). Esta propriedade indica que, ainda que perca a possibilidade de receber um sujeito no português contemporâneo, *haver* exibia essa propriedade em seu estágio inicial como verbo existencial. Embora não seja claro por que *haver* perdeu essa propriedade, a ocorrência de tal pronome locativo dêitico como sujeito revela que esse verbo exibia uma propriedade da sua versão como possessivo nos primeiros estágios como um existencial.

- (19) a. *não hai segredo* (16th century – presented in Said Ali 1964)  
 b. *avyahi muytos mouros vezinhos acerca da cidade* (Crônica de D. Afonso, Capítulo II – Século XIV. Fonte: CIPM)  
 c. *...que non aviay mouros nem judeus* (13th century – Apresentado em Mattos e Silva 1997: 262)

d. *con sua herdade que yha e co suas pertijças* (13th century – Apresentado em Mattos e Silva 1997: 262)

## Conclusões

Para resumir, esta análise revela um aspecto crucial das mudanças relevantes que tiveram lugar na história da língua portuguesa: as versões existenciais de *ter* e *haver* no português brasileiro herdaram aspectos sintático-semânticos de suas versões possessivas, o que demonstra que um item lexical pode emergir em um novo contexto sem mudar suas propriedades essenciais de seleção.

## ABSTRACT

In Brazilian Portuguese (BP), the verb *haver* ‘to exist/there to be’ can be replaced by the possessive *ter* ‘to have’ in existential constructions and an intriguing aspect of this variation is that *ter* loses the definiteness restrictions on complements while *haver* triggers such restriction. The assumption is that this contrast is due to the fact that, although *ter* has been reanalyzed as existential, it keeps the selection properties of possessive sentences. The data analyzed (1528 existential clauses from spoken contemporary BP and 200 with *haver/ter*-possessive clauses in MP, from the 13<sup>th</sup> to the 16<sup>th</sup> century) reveal a crucial aspect of the relevant changes in the history of Portuguese: the existential version of *ter* and *haver* inherits syntactic-semantic aspects of their possessive version, which shows that an item can emerge into a new context without changing its essential selection properties.

KEY-WORDS: variation, change, preservation, *ter/haver*-existential/possessive.

## REFERÊNCIAS

- AVELAR, Juanito. *Dinâmicas Morfossintáticas com 'Ter', 'Ser' e 'Estar' no Português Brasileiro*. Master Thesis. IEL/Unicamp/BR, 2004.
- CALLOU, Dinah. On ter-existential clauses in Portuguese. In: Britt-Louise Gunnarson *et alii* (org.). *Language variation in Europe*. Department of Scandinavian languages Universitetstryckerit: 2004.
- CALLOU, Dinah e Juanito AVELAR. Estruturas com 'ter' e 'haver' em anúncios do século XIX. Em Alkmim, T. (org.) *Para a história do português brasileiro*, Vol. III. São Paulo: Humanitas-USP. 47-68, 2002.
- \_\_\_\_\_. *'Ter' and 'haver' in the history of Portuguese: the appearance of 'ter' in existential environments*. Paper presented at NWAVE 32, University of Pennsylvania, october 2003.
- CARDOSO, Suzana. "TER/HAVER" no português do Brasil: mudança linguística e ensino. *Atas do I Simpósio sobre diversidade linguística no Brasil*. Salvador: UFBA, 1986.
- DUARTE, Eugenia. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. PHD Thesis. IEL/Unicamp/BR, 1995.
- KATO, Mary. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. M. Marques *et al.* (orgs.) *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), pp. 131-145, 2005.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. Observações sobre a Variação no Uso dos Verbos 'Ser', 'Estar', 'Haver', 'Ter' no Galego-Português Ducentista. *Estudos Linguísticos*, 19. pp. 253-286, 1997.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- VIOTTI, Evanir. Sobre o Efeito de Definitude nas Sentenças Existenciais. *Revista do GEL*, Número Especial. pp. 127-153, 2002.

---

Data de recebimento: 25 de março de 2012

Data de aprovação: 25 junho de 2012